

MUSEU DA PESSOA

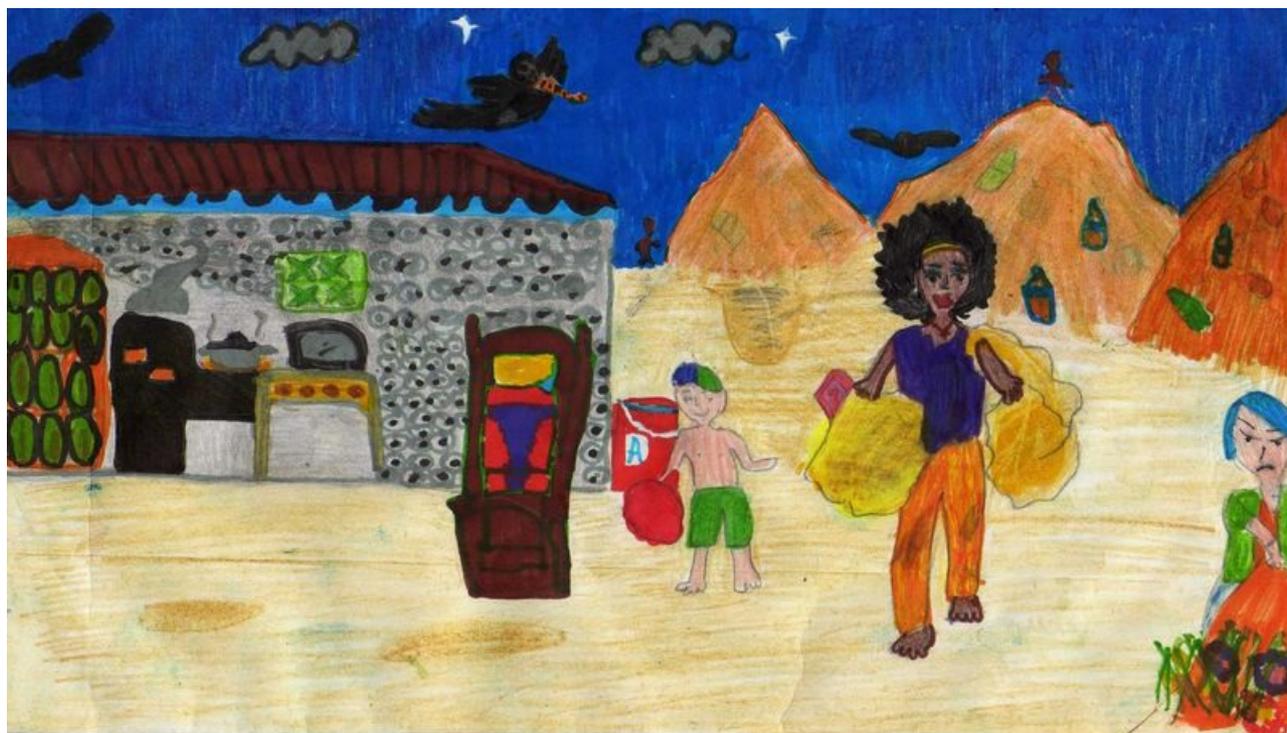
História

Valéria uma catadora de papel, latinhas, pet e sonhos...

História de: [Valéria da Silva](#)

Autor: [Sandra Vieira da Costa](#)

Publicado em: 25/11/2012



Valéria trabalhou durante 15 anos no Lixão.



Hoje Valéria realiza o sonho de
Ser Cabeleireira.



A infância de Valéria não foi nada fácil. Ela precisava cuidar dos irmãos.

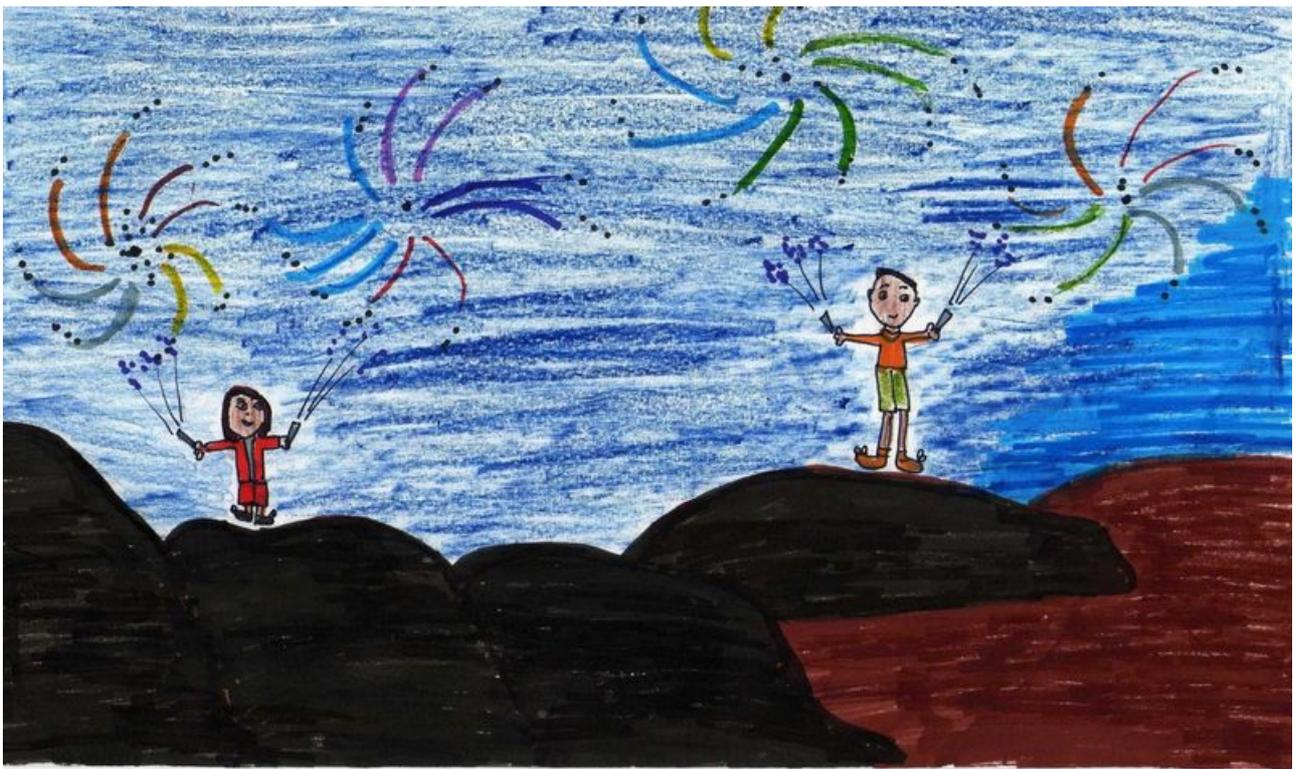


A Casa nova.

Recebi uma indenização com o fechamento do lixão e comprei um apartamento para...

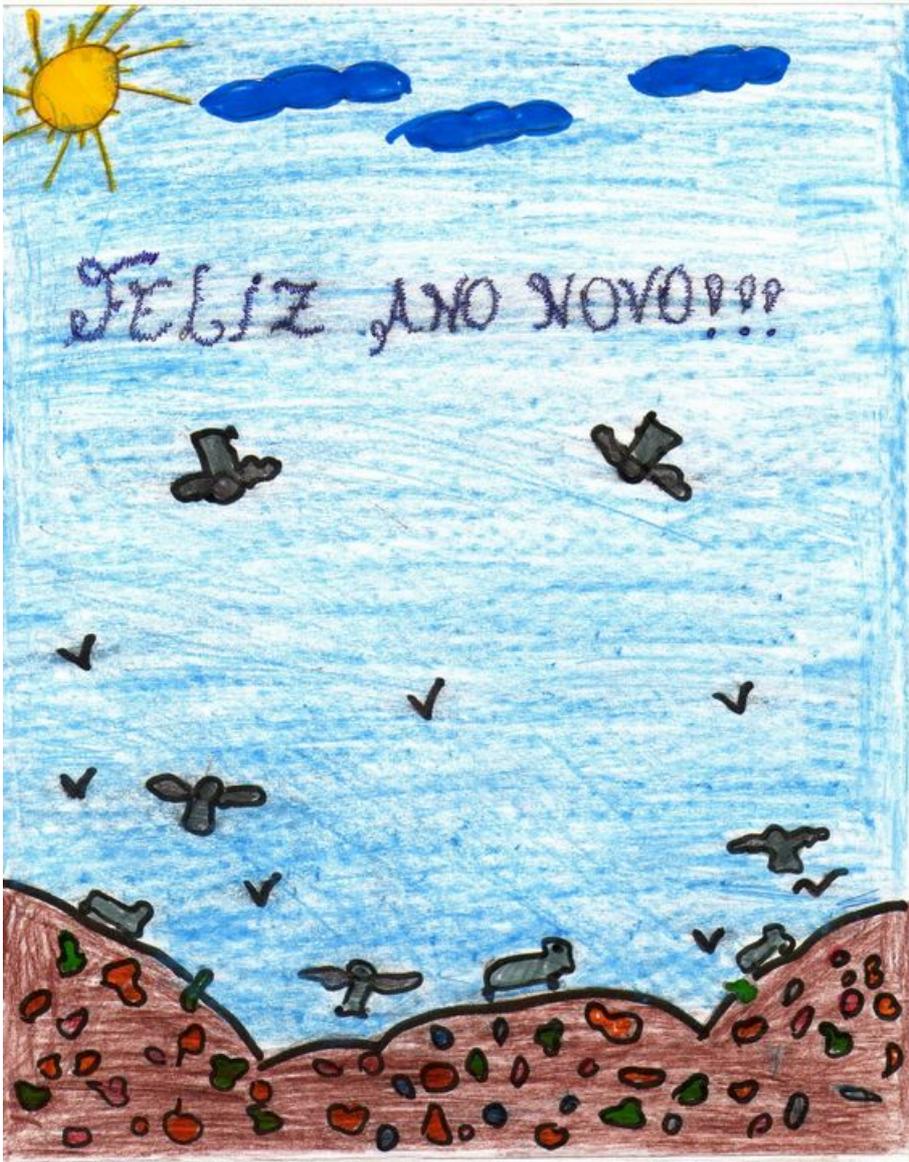


o Casamento de Valéria, um momento de emoção!

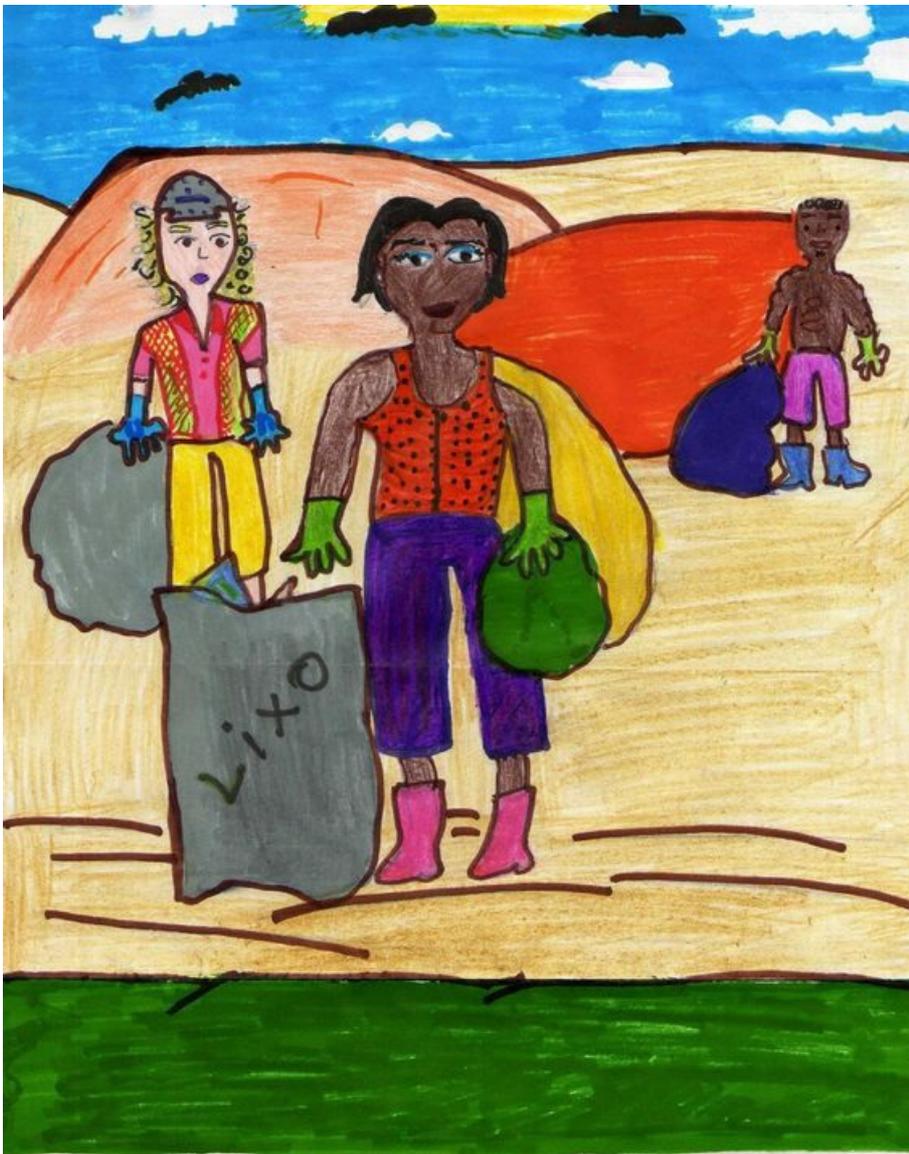


Feliz Ano novo!

Hoje um ano em que trabalhamos tanto que não deu pra ter Dia de Ano novo. A comemoração foi no sábado.



• Todos os anos a esperança de Valéria se renovava.



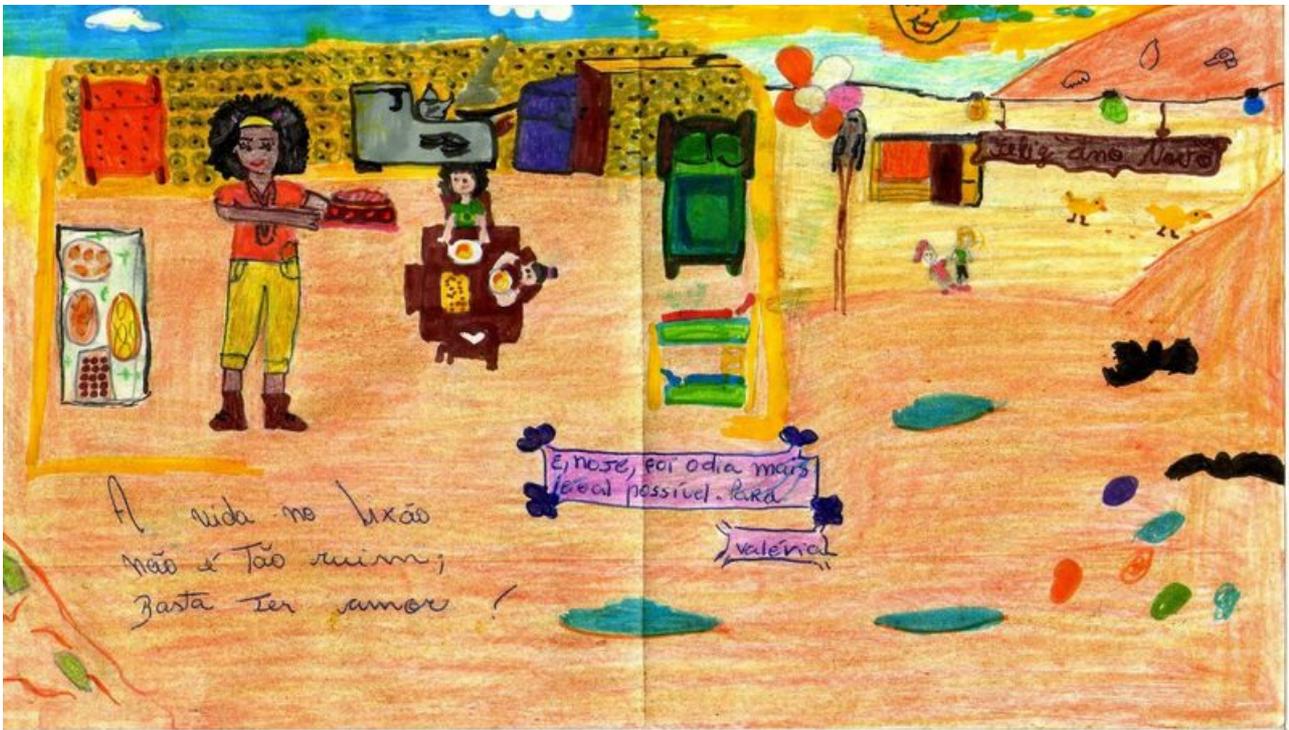
Por muitos anos Valéria estou plásticos,
latinhas e sonhou com sua casa.



Amizade no Lixão
" Fiz muitos amigos quando trabalhava no
lixão. Tivemos momentos alegres."



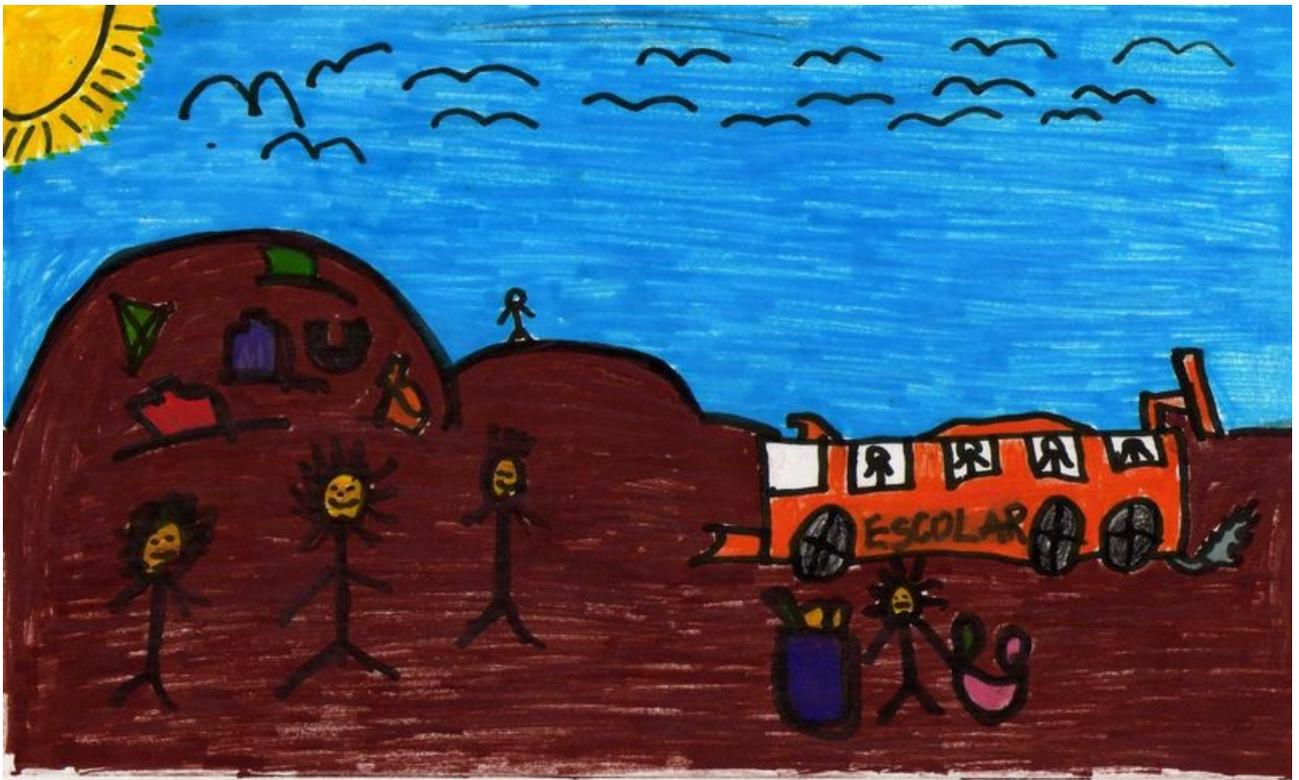
• Valéria da Silva ex-Catadora de Lixo em entrevista aos alunos da escola Municipal Maria do Carmo.



Comemoração de Ano Novo no Lixão.



"Naquele lugar não tem futuro!"
 Valéria lembra de quando trabalhava no lixão.



Um grupo de alunos faz um passeio pelolixão. Quando chegaram pediram para os smilletes. Eles não respeitaram



Quando as caminhões chegam as pessoas correm para pegar o lixo. É preciso ter cuidado.

- Cada lata vale R\$ 20,00.



Retrato de Caragem.

Apesar das dificuldades que enfrentou entregamos



realiza também na Escola municipal Mauro de Castro



VALÉRIA NA ENTREVISTA.



Tags

- [Museu da Pessoa](#)
- [Duque de Caxias](#)
- [E. M. Mauro de Castro](#)
- [memória local](#)

História completa

Capítulo 1: Bem vindos a Belford Roxo Há 38 anos, no município de Belford Roxo, Baixada Fluminense, nascia Valéria da Silva uma menina forte, saudável e cheia de planos. Seus pais não tinham muitas posses, porém eram trabalhadores dedicados. E planejavam para os filhos um futuro promissor. Com o passar dos anos a família cresceu. E, na mesma proporção, cresceram as dificuldades. Eram nove filhos. Nove bocas para alimentar. A cada dia ficava mais complicado atender as necessidades da família. Não havia trabalho. E criança não entende a falta da comida, do leite. Precisam de remédio, de roupas... Assim, seus pais tornaram-se catadores do Lixão de Jardim Gramacho, município de Duque de Caxias. Vida de catador não é nada fácil. A todo o momento era preciso “matar um leão”. Diariamente, seus pais se fantasiavam como verdadeiros soldados indo para a guerra. As roupas com mangas compridas, mesmo em dias de intenso calor, as meias por cima das calças, as luvas e o chapéu, retirados do próprio Lixão, adornavam os corpos dos combatentes que entravam naquela imensa e fétida arena para vencer. Não havia outra opção. Tinham que separar o lixo reciclável e encher as lonas, enormes sacos onde depositavam o material recolhido. Quanto mais lixo melhor. Desta forma, garantiriam a sobrevivência de todos. Ao fim do dia Valéria, que ficara em casa com os irmãos, via seus pais chegarem cansados, sujos e, ainda assim, com um sorriso no rosto e uma palavra de carinho para os filhos. Na sua inocência e cheia de curiosidade aquela menina desejava conhecer o Lixão. Pedia aos pais que a levassem para ver como era o lugar onde trabalhavam. Não havia de ser tão ruim, pensava Valéria. Passado algum tempo, movidos por tanta insistência e pela necessidade seus pais a levaram ao Lixão. Ela não fazia ideia dos perigos que os ameaçavam. Precisou ser carregada num lençol para descer até a rampa, local onde os pais trabalhavam. Esperavam os caminhões depositarem o lixo, depois corriam para catá-lo. Não havia beleza, não havia glamour. Era triste e doía saber que seus pais passavam

por aquele lugar todos os dias. Não era o que sonhava para sua vida. Capítulo 2: 1, 2, 3, 4 ... Posso ir? Desde cedo Valéria substituiu as brincadeiras de casinha pelos afazeres domésticos. Cabia a ela a tarefa de cuidar dos irmãos menores. Se fosse apenas um ou dois irmãos seria tranquilo. Mas, imaginem cuidar de oito irmãos. A cena que me vem à mente é de alguém de cabelo em pé. Um “polvo” cheio de braços sem saber o que fazer. Quem seria o primeiro a tomar banho? Quando um pedia comida, outro corria pelado, e havia outro que chorava com o joelho ralado e outro, e outro, e outro... Com essa rotina seria fácil exercer as tarefas de uma dona de casa e da maternidade quando resolvesse se casar. Que infância difícil para uma menina! Penso nas histórias que ouvi sobre centenas de meninos e meninas em todo o Brasil que também tiveram sua infância roubada. Ainda assim, não havia tristeza em seu olhar. Cansaço sim. Afinal, a carga era pesada. No meio de tantos meninos, fraldas sujas, chupetas, choros e risos, havia o “pique”. Como resistir aquela brincadeira tão prazerosa? Era impossível ignorar os convites das outras crianças. Era impossível conter as necessidades infantis. “Navegar é preciso...diria o poeta”. Assim como, correr, pular, fazer de conta também era preciso. E, por alguns instantes, era mais do que preciso sentir-se livre e esquecer as obrigações. Que sensação gostosa! O vento batia em seu rosto e levava seus cabelos e sonhos. - Pegue! Tá contigo! - Vamos brincar de pique-esconde? 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10... Posso ir? - Pode!!!... A parte chata era quando no melhor da festa ouvia-se o grito da mãe chamando-a para a realidade: - Valéria!!!... Ó, Valéria!!!... Onde se tá, menina? Já deu banho nos meninos? Engraçado, hoje não se vê crianças brincando de pique, de roda. Acho que não sabem o que é brincar de carniça, não devem saber fazer um “gerequinho”, aquela pipa que fazíamos dobrando um papel qualquer e cortando com as mãos. Hoje as crianças parecem adultos mirins. Só falam em Orkut, facebook . Só querem saber dessas coisas eletrônicas. Elas não sabem o que estão perdendo ficando sentadas na frente de um computador comendo biscoito “TraKinas”. A traquinagem está restrita apenas a marca do biscoito. Elas não experimentaram a sensação de brincar na rua, cair de bunda no chão, tomar banho de chuva ou mesmo ter as pernas cheias de relógios (aquelas marcas enormes de machucados que enfeitam as pernas de crianças levadas). Capítulo 3: Fora da escola Sol quente, chuva forte... Independente das condições climáticas não havia como parar. O trabalho no Lixão precisava acontecer. Catar, separar, ajuntar, vender lixo. Afinal, havia concorrência. A família vivia em função do lixo. Do lixo doméstico, catavam o que não servia mais para os outros. E como as pessoas produziam lixo! Não entendiam porque jogavam fora cadernos com poucas folhas usadas, livros coloridos, roupas em bom estado. Aquelas pessoas jamais saberão quantas crianças brincaram, sorriram e, até mesmo, foram a escola com seus lixos. Melhor seria que entregassem todos esses materiais separados dos restos de comida e de outros objetos sujos. Uma grande ameaça era o lixo hospitalar. Nem todos catadores utilizavam luvas. Sendo assim, ficavam expostos a contaminação. Se adquirissem uma doença todos os familiares corriam sérios riscos. Certa vez uma menina brincava de médico com sua irmãzinha, sem saber do perigo aplicou uma injeção com uma seringa descartável que encontrou no Lixão. O resultado foram dois meses de internação por ter contraído uma terrível infecção. A medida que as responsabilidades com os irmãos aumentavam, a escola foi se afastando da vida de Valéria. Frequentar as aulas tornou-se um raro momento de contato com os livros. Momentos que alimentavam o sonho de uma vida melhor. Longe do Lixão. Ir à escola era divertido. Tinha muitos colegas. Adorava a hora do recreio. Ali tinha um momento só seu. Não precisava cuidar dos irmãos. Certa vez viu-se envolvida em uma terrível briga na escola. Não se lembrava do motivo, nem sabia se precisava de um, só se deu conta quando de repente estava agarrada com uma menina da turma. Sabe como é briga de mulher: puxão de cabelo, arranhões no rosto. Queria acabar com ela. Talvez tivesse xingado sua mãe ou olhado pra ela de cara feia. Não sabia. O fato é que chegara a sua casa descabelada e cheia de arranhões. Mas orgulhosa de seus feitos, pois a outra menina ficara muito pior! Assim os dias passaram... e a escola também. Capítulo 4 : Ausência Agora a maioria das crianças desfila com seus celulares, netbook e tablet. Estes aparelhos possuem rádios e câmeras, gravam vídeos e acessam a internet. Antes não era assim. Se quiséssemos registrar um momento com a família, um batizado ou aniversário era preciso chamar um fotógrafo com antecedência. Quantos momentos ficaram apenas em nossa memória! Não serão compartilhados com nossos amigos. Estão somente em nossos corações. Existem momentos que devem ser eternizados em nossa memória. Para Valéria, estar na companhia de sua mãe era especial. Tinha grande admiração pela coragem, força e determinação. Com ela aprendera a importância do trabalho e a não desistir de lutar, de querer vencer e sonhar. Foi muito difícil lidar com a morte de sua mãe. A dor assemelhava-se a de ter uma espada enfiada em seu peito. E quando se tentava retirá-la, era como se estivesse sendo cravada ainda mais. Mas, a vida prosseguia. Felizes ou inundados de pesar era preciso continuar. Tempos depois Valéria casou e para sua felicidade engravidou e deu à luz a uma linda menina chamada Caroline. Depois vieram outros cinco filhos. Foram duas meninas e quatro meninos. Separou-se do marido e coube a ela o sustento da família. Como sentia falta da mãe! Do colo quente e do delicioso frango com batata frita. Capítulo 5: Cumprindo a sina Sozinha, sem emprego e com os filhos para criar Valéria torna-se catadora e moradora do Lixão. As pessoas não imaginam o que é o Lixão. Aquele lugar é um mundo. Um universo de sujeira, insetos, ratos, urubus, mau cheiro, pobreza, descaso e dor. Moradores e catadores são parte daquele cenário. Estão tão familiarizados que caminham descalços como se caminhassem na sala de suas casas. Ser catador não é o sonho de ninguém. Não era o sonho de Valéria. Mas, era a sua realidade. Restava-lhe acordar cedo, vestir sua armadura e cumprir a sina. Esperar os caminhões, catar o lixo reciclável e encher as lonas. Cada lona rendia-lhe vinte reais. Era preciso encher muitas lonas para ter uma semana rentável. Cada papel, latinha e pet que era recolhido alimentavam o sonho daquela mulher. A garrafa de refrigerante presente na comemoração de natal de várias famílias, a latinha que reunia os amigos no fim do expediente, as toneladas de papel produzidas pelos escritórios das empresas sustentaram por quinze anos a vida daquela família. Reutilizava materiais, reaproveitava as oportunidades e reciclava sonhos. O Lixão era palco de constantes acidentes. Valéria presenciara a morte de um cunhado e um conhecido perdera parte de seu braço quando chegava uma draga. Aqueles imensos caminhões pareciam querer engolir a todos. Ela mesma quase fora soterrada. Esses e outros tantos acidentes foram enterrados ali mesmos. Estão embaixo de um monte de lixo. Ainda assim, Valéria não encontrara apenas lixo naquele lugar. Apesar do aspecto, do chorume, descobriu pessoas, fez amizades. Conheceu a solidariedade. Um tesouro escondido no meio de milhares de urubus. Às vezes trabalhava-se tanto que perdia-se a noção do tempo. “Lembro-me de um dia, véspera de ano novo. As casas estavam enfeitadas com pisca-piscas preparavam-se para a chegada de um novo ano. As mesas fartas aguardam a hora da ceia. Nós, catadores, assistimos ali a passagem do ano. Não houve ceia. Não houve queima de fogos. Mas, em nossos corações havia o desejo e certeza de um feliz ano novo!” Capítulo 6: Fim do Lixão Por muitos anos o Lixão esteve ameaçado. Em pleno século XXI era inaceitável a permanência daquele lugar. As condições sub humanas em que viviam os catadores e a falta de tratamento adequado para o lixo denegriam a imagem da cidade maravilhosa. Assim, após intermináveis discussões e protestos, pois os catadores não aceitavam a ideia de perderem seu “emprego”, o Lixão de Jardim Gramacho foi fechado. A partir de então o lixo do Rio de Janeiro passou a ser encaminhado para o aterro sanitário de Seropédica. Os catadores que pertenciam a uma cooperativa foram indenizados e receberam a quantia de catorze mil reais. E, aqueles que trabalhavam há mais tempo tiveram a chance de continuar no novo aterro. Os portões foram cerrados e o cenário que por muitos anos serviu como pano de fundo para centenas de protagonistas ficou na memória de catadores e moradores. Não ouviremos mais o relato da senhora que encontrou no meio do lixo um bom pedaço de ouro, vendeu-o e construiu o muro de sua casa. Não teremos notícia da tia que catava papel e, junto aos arquivos de uma empresa, descobriu a quantia de vinte mil reais e,

assim, pode comprar sua casa. Também não teremos informações semelhantes a do jovem que foi surpreendido com um saco de dinheiro colocado em um carro abandonado no Lixão, e, sendo usuário de drogas, utilizou tudo que achou para alimentar seu vício. E pouco tempo depois, morreu de overdose. Não saberemos de banquetes promovidos com a carne de homens e mulheres que tiveram seus corpos confundidos com carne bovina. Ficará na lembrança de Valéria a visita de um grupo de alunos que não suportou o cheiro do Lixão e pediu em coro: - Vamos embora! Que cheiro horrível! Aqui fêde! Vamos embora! O Lixão fechou... Capítulo 7: Nova vida O fechamento do Lixão foi para muitos catadores o fim de suas vidas. Alguns receberam a indenização e fizeram a festa de seus sonhos. Houve aqueles que beberam todas as cervejas do mundo num só dia. Outros realizaram o desejo da juventude e adquiriram um carro. Outros compraram a bicicleta para o filho ou a roupa da moda no shopping. Para Valéria foi o início de um novo ciclo. Deixara para trás o barraquinho onde morava. A falta de água. Foram anos e anos carregando baldes e mais baldes. Agora conseguiu comprar uma casa para seus filhos. Tinha um endereço, morava em uma rua, num bairro. O fim do Lixão aterrou para sempre o passado de catadora, que a impediu de estar próxima de seus filhos, de continuar os estudos e a viver com dignidade. Através da cooperativa teve a oportunidade de fazer um curso de cabeleireiro. Essa era a chance que precisava para nortear sua vida. Atualmente, Valéria vive feliz com seus filhos e, como uma guerreira, não foge a luta. Seu novo projeto é abrir um salão. E, desta forma, trazer beleza para outras mulheres. Quem sabe através de seu trabalho possa contribuir para a transformação de suas vidas como a sua foi transformada. Fazendo jus ao significado do seu nome: Valéria: Disciplina, praticidade, lealdade, confiabilidade, gosto pelo trabalho, solidez e eficiência. Tradução: uma guerreira.